

VOZES OUVIDAS NAS NOITES DO NORTE: ETNICIDADE DOMINANTE NA OBRA RECENTE DE CAETANO VELOSO

Liv Sovik
UFRJ

O trabalho propõe-se a analisar o CD e o show *Noites do Norte*, nos quais Caetano Veloso reflete artisticamente sobre as relações raciais e a visão das elites brasileiras acerca da história da escravidão. Discute também a defesa realizada pelo compositor, em entrevista, de um discurso étnico brasileiro que não se deixe influenciar por valores norte-americanos. Pretende situar o discurso multivocal de tais produções na discussão pública sobre o racismo e seus antídotos, tentando entender a gama de valores que o artista está recolocando para o discurso hegemônico da etnicidade.

Em *Noites do Norte*,¹ Caetano Veloso levanta um tema que lhe é tão caro que já disse que queria escrever um livro a respeito: a questão racial no Brasil. Usa, como uma espécie de epígrafe, um trecho lírico de *Minha Formação*, de Joaquim Nabuco, que descreve a marca fundamental da escravidão e dos escravos no Brasil.

A escravidão permanecerá por muito tempo como a característica nacional do Brasil. Ela espalhou por nossas vastas solidões uma grande suavidade; seu contato foi a primeira forma que recebeu a natureza virgem do país, e foi a que ele guardou; ela povoou-o como se fosse uma religião natural e viva, com os seus mitos, suas lendas, seus encantamentos; insuflou-lhe sua alma infantil, suas tristezas sem pesar, suas lágrimas sem amargor, seu silêncio sem dia seguinte... Ela é o suspiro indefinível que exalam ao luar nossas noites do norte.²

Caetano canta esse trecho na música que dá título ao CD, CD ao vivo e DVD. O encarte do primeiro CD, lançado em dezembro de 2000, tem o texto impresso na primeira página. Ao musicar o trecho com um som romântico, Caetano desafia o impulso da denúncia moral, como é seu hábito (mais uma vez o demonstra quando canta, “Uma tapinha não dói – dói - dói”, do pagode que ofendeu os bem-pensantes no verão de 2001, depois de “Dom de Iludir”, no show de

¹ VELOSO, Caetano. *Noites do Norte*, Universal Music 7314583622, 2000; *noites do norte ao vivo*, Universal Music 04400165272, 2001; *noites do norte ao vivo*, Universal Music/Natasha Produções, DVD 73145483629.

² NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999 [1900]. p. 163

Noites do Norte). Em lugar de denunciar o racismo, levanta o problema do que pode ser dito sobre a escravidão e seus fatos sucessores, ou seja, as relações raciais no Brasil de hoje.

Pelo fato de *Noites do Norte* ter grande projeção na cultura de entretenimento, por ser de um artista que parece acompanhar o não-dito da cultura contemporânea, é tentador entendê-lo como um discurso hegemônico, como uma parte sofisticada mas representativa dos consensos brasileiros sobre a presença e contribuição de descendentes de escravos. Mas esse caminho logo esbarra em dificuldades: de um lado, Caetano está tentando afetar esse consenso em um sentido específico; de outro, o discurso dos diversos produtos intitulados *Noites do Norte* (CDs, show, DVD) é de tal forma complexo que o primeiro passo tem que ser sua leitura: uma *close reading* das vozes ouvidas em *Noites do Norte*, principalmente a rearticulação da presença de Joaquim Nabuco na obra. Este trabalho constitui esse primeiro passo, na procura de entender os sentidos do que é novo no que está sendo dito na obra *Noites do Norte* e na entrevista que Caetano me concedeu no dia 6 de abril de 2002.

Caetano canta Nabuco, a suavidade e a gratidão ao afrodescendente em um momento em que a discussão do racismo está novamente em pauta, por causa da III Conferência da ONU contra o Racismo, realizada em Durban em setembro de 2001, da proposta de cotas para negros nas universidades e no serviço público, da presença de um discurso militante da diáspora africana globalizada na cultura de massa, com o rap e seus desdobramentos na indústria fonográfica e na televisão. A partir das cotas e da ação afirmativa, do rap e da influência internacional e especificamente norte-americana, o comparatismo em relações raciais se impõe como parte do contexto em que Caetano articula um discurso sobre a particularidade brasileira. Mas, seguindo a orientação da obra, que enfatiza a “característica nacional do Brasil”, propõe-se aqui uma leitura inicial da particularidade e especificidade brasileiras segundo Caetano, antes da diferença entre Brasil e EUA.

Um exame das diversas edições de *Noites do Norte* revela uma grande variedade estética e de vozes narrativas. O disco “Noites do Norte” começa com o convite à viagem em “Zera a reza”, cuja letra comenta a foto antiga, no encarte, de um veleiro com umas trinta pessoas negras a bordo e uma oferenda, presumivelmente a Iemanjá.

Vela leva a seta tesa
rema na maré
rima mira a terça certa
e zera a reza.

Entre o mar, o pagode, a vida e a oração, la nave vá.

Zera a reza, meu amor
canta o pagode do nosso viver
que a gente pode entre dor e prazer
pagar pra ver o que pode e o que não pode ser.

O CD inicial, lançado no final de 2001, se apresenta como uma espécie de visão cubista da formação cultural do artista nos anos 50 e 60, inclusive sua faceta de cinema italiano (“Michelangelo Antonioni”) em uma letra que fala de solidão; do rock de Raul Seixas; das descobertas durante a estada juvenil de Caetano no Rio de Janeiro (“Meu Rio”). O cubismo abre espaço para o surrealismo, em “Cantiga de Boi”, cujo ritmo é do bumba-meu-boi e cujas imagens misturam o sertanejo com o produto industrial:

Abra a cabeça do boi:
Por tras do CD um moço
Nesse cabra uma serpente
Cobra lá dentro do osso.

A letra segue com uma declaração do artista-narrador:

Posso não crer na verdade
Mas ela dobra comigo:
Abrigo em mim a cidade.

A letra trança o agreste do norte-nordeste com a cidade, enquanto o artista atualiza o rural-arcaico em um dueto com a verdade que tem lastro urbano. Segue uma poética mais

convencionalmente lírica em “Cobra Coral” e “Ia”. “Sou Seu Sabiá”, que canta o consolo da música e do amor paterno, e “Tempestades Solares”, desacordos amorosos, completam o disco.

O tema do disco, a questão da marca da escravidão na sociedade brasileira, é trabalhado na música do título, “13 de Maio”, um samba de roda descrevendo a festa da data em Santo Amaro e “Zumbi”, a música messiânica de Jorge Bem, com sua descrição do leilão de escravos e o coro, “eu quero ver”.

Eu quero ver
Quando Zumbi chegar [...]
Zumbi é senhor das guerras
Senhor das demandas
Quando Zumbi chega
É Zumbi é quem manda.

No show ao vivo e no disco duplo que resultou dele podem ser identificados três grandes blocos de uma narrativa que forma uma espécie de apresentação do mundo de suas influências; é o artista maduro se localizando no espaço público. O show abre com “Two Naira Fifty Kobo”, referência à moeda nigeriana, e uma declaração alegre: “No meu coração da mata gritou Pelé, Pelé / Faz força com o pé na África”. Continua com “Sugarcane Fields Forever” (“Sou um mulato nato / no sentido lato / Mulato democrático do litoral”), “Noites do Norte” e “Zumbi”,

Essa parte fecha com uma versão climática de “Haiti”, cantado como se fosse uma agressão à platéia acomodada nas poltronas dos *‘halls’* de concertos. Isso é seguido de um anticlimax não conciliador em “O último romântico” e “Araçá azul”. A partir daí, o artista-narrador transita pela tradição da canção romântica e amorosa, cantando em sua maioria músicas que ele mesmo fez, inspiradas em diversas mulheres. Finalmente, o show localiza o artista-narrador no seu Rio de Janeiro, na sua língua e na sua criação tropicalista; ponto alto da terceira e última seção é “Gente”, uma espécie de contraponto alegre a “Haiti” em que se recitam carinhosamente os nomes dos bem-amados, na melhor tradição humanista-popular.

Esta descrição do repertório não dá conta da presença africana no palco. Os percussionistas afro-baianos dançam diante de um Caetano deitado de costas para o público, em atitude de admiração (ironizando o olhar que produz o exótico?). O pano de fundo é preto riscado de vermelho sangue, durante a primeira parte do show. A própria musicalidade da obra, que é uma continuação do som percussivo iniciado com *Livro*, faz comentários rítmicos: a bossa nova no violão cruza a percussão afro-baiana, em “Caminhos cruzados”; o solo percussivo chama Iansã, logo antes da linha final de “Tigresa”. A irreproduzibilidade da obra de arte em congressos acadêmicos impossibilita maiores comentários. Pois é importante ainda examinar o que Caetano diz sobre sua obra, não na busca das intenções do autor (nisso, não há nenhum desvio da *close reading* proposta no início) mas como leitura de algo que é uma extensão da obra, conforme escreve Silviano Santiago em “Caetano Veloso enquanto superastro”.³ O que é que Caetano está dizendo sobre a particularidade das relações raciais brasileiras?

Caetano falou sobre o sentido de *Noites do Norte*, as relações raciais brasileiras e seu gosto por Joaquim Nabuco em entrevista realizada no dia 6 de abril de 2002. Introduziu a discussão (pois as perguntas eram pretextos, ele parecia saber muito bem o que queria dizer e suas colocações foram longas, às vezes incluíam tangentes, mas não eram inconclusivas) falando das características raciais de sua família e depois fez duas afirmações. A primeira foi que

é uma admissão universal dos brasileiros, embora não todo mundo partilhe disso com a mesma boa vontade, de que nós todos somos mestiços e que todos temos sangue negro. [...] Isso é um fato no Brasil, isso é um fato que não pode ser negado e que não pode ser botado de lado, entendeu? E que diz muito respeito do modo de ser brasileiro. [...] Se uma pessoa se sente brasileira, não se sente branca, no sentido de que ela pode dizer, internacionalmente, que ela é branca.

³ SANTIAGO, Silviano. *Uma Literatura nos Trópicos*. São Paulo, Perspectiva, 1978.

Desde o início se instala o padrão comparativo internacional, mas “assumir-se, naturalmente, não branco” também ocorre em situações nacionais, como no momento em que Fernando Henrique Cardoso disse que tinha “um pé na cozinha”.

Caetano citou ainda um casal de jovens: o rapaz disse que o pai atribuía ao sangue negro seu gosto pela Timbalada; ela – uma loira de olhos claros - respondeu, “nós todos, brasileiros, temos sangue negro.” Assim, o ponto pacífico é a presunção de herança negra como elemento genético e, por extensão, cultural. Quem vê isso como particularidade só de alguns – como por exemplo, o pai do moço – não é levado em consideração. Quando perguntei sobre o lugar social ocupado pelo branco, Caetano respondeu,

Há uma hierarquização brutal. [...] Ou seja, essa valorização com o branco no topo e o negro na base é estrutural mesmo na história do Brasil. Na história de todos os países da Américas. [...] Agora, o que eu quero dizer é que, apesar disso, essa outra coisa que eu descrevi existe e é vivenciada por todos os brasileiros, de uma forma ou outra.

Em segundo lugar, Caetano é veemente em negar as vantagens das relações raciais norte-americanas sobre as brasileiras. Seriam piores, não mais avançadas. Disse Caetano, “Já estava casado quando os pretos nos Estados Unidos começaram a conquistar os direitos civis.” A comparação aos EUA que desfavorece o Brasil é “um depressor a mais da nacionalidade [...] Quando esses sociólogos fazem essa operação de mais humilhação [...] o fato é que um aspecto do imperialismo está se afirmando ali, entendeu?” E para concluir:

não é com muita facilidade que a gente pode ouvir dos norte-americanos que também o racismo deles é melhor do que o nosso! Além do cinema, dos automóveis, dos revólveres e tudo, das ruas, da grama – a grama é bacana! -, das armas, além de tudo, ainda o racismo deles é também melhor do que o nosso.

Seu interesse por Joaquim Nabuco se deve, em parte, à capacidade do abolicionista de diagnosticar a diferença entre a situação nos EUA e a brasileira.

o essencial é que ele [Joaquim Nabuco] diz que os escravos brasileiros, uma vez alforriados, se tornavam iguais aos senhores, aos olhos da lei, ou seja, podiam ter escravos, podiam ter um filho, podiam escravizar outros filhos de escravos, podiam comprar uma criança escrava, que, possivelmente, podia ser até filha do seu ex-senhor, e assim é que se formou a sociedade brasileira, quanto à questão da escravidão. E o que ele diz a respeito disso é o seguinte: os americanos, não, eles mantiveram nítida a linha da cor. Isso deu ao negro americano uma situação muito pior, porém deu à escravidão no Brasil uma capacidade de se perpetuar, uma capacidade insidiosa de se perpetuar na sociedade brasileira muito maior do que nos Estados Unidos. Ele disse isso, antes da abolição da escravidão no Brasil [...] Ou seja, muito dessa hierarquização opressora que o Brasil ainda vive, utilizando os fatores cor e raça, se deve a esses ardis que ele detectou naquela hora, e que, de fato, não houve nos Estados Unidos, e muito menos na África do Sul, porque a divisão de raças fica muito nítida.

Caetano valoriza a postura de Nabuco, além de sua visão. “Mesmo quando adere a alguma posição que hoje me parece inaceitável [...] a adesão não se dá sem discussão e isso me emociona muito.” Mesmo quando apóia as vantagens do embranquecimento e o modelo argentino de imigração européia, à diferença de seus contemporâneos Nabuco tem um “enfrentamento emocional dessa questão mais complicada” e um “respeito pelo fato consumado,” pela “constatação do que é o Brasil”. Mais tarde na entrevista, Caetano cita Oswald de Andrade dizendo que o Brasil sofria de incompetência cósmica. Caetano de novo: “No entanto, Oswald de Andrade, mais do que ninguém, afirmava a realidade da existência dele [mesmo] e do Brasil. Há alguma coisa aí que tem um nome muito preciso, tanto em Joaquim Nabuco, quanto em mim, quanto em Oswald de Andrade: narcisismo. [...] Ou seja, você sentir que você existe, fisicamente, e desejar-se. Isto é que o Brasil pode ter, tem que ter, precisa ter e às vezes tem.”

Quanto à admiração de Nabuco pela Europa como palco dos acontecimentos mais importantes, Caetano entende que “o Brasil não é mais a Europa, mas também não é alguma coisa que é outra, é uma continuação da Europa [...] em situações inóspitas para a cultura européia”. O brasileiro é um “exilado de nascença”, diz Caetano. Mais tarde dirá que não tinha simpatia por essa perspectiva, mas “Depois passei a admitir aquilo como uma expressão real de

uma experiência vivida.” “Rock-n-Raul”, a música de *Noites do Norte* sobre Raúl Seixas, seria um reconhecimento desse tipo.

Talvez o mais curioso, mesmo que não inesperado, é a apreciação de Caetano pelo sentido mítico de Nabuco, sua capacidade de contar a história brasileira de forma hiperbólica; dá o exemplo do monarquismo de Nabuco.

[Nabuco] diz que mandou uma carta [a André Rebouças] [...] dizendo que talvez a Proclamação da República tivesse sido feita contra o 13 de maio. É nesse sentido que o monarquismo de Joaquim Nabuco cai bem para mim, e também em outro sentido, num sentido mítico e de grande importância. Nesse ponto, eu me identifico, enormemente. Ele faz, no final de *Minha Formação*, uma descrição da família real brasileira, da história da monarquia brasileira como sendo das mais belas histórias das monarquias todas que ele conhece, como se fosse assim uma linhagem de grande beleza histórica. Então aquilo é uma hipérbole, uma visão hiperbólica da família real brasileira como amada por ele e como admirável, universalmente, pelo papel histórico! Porque ele diz: o pai proclamou a independência e o filho consolidou a nacionalidade e a neta aboliu a escravidão. [...] O que me interessa é o desejo dele de reconhecer na história do país uma história gloriosa.

O homem de elite admirado por Caetano, que ele quis que o país relembresse, é um homem que procurou influenciar a sorte do Brasil a partir da afirmação de seu estado real, seus fatos consumados; criando uma história gloriosa a partir do enfrentamento emocional dos fatos e do estatuto periférico do Brasil. É um amante do Brasil em sua condição verdadeira, que necessariamente inclui seu racismo insidioso. Um reinventor da nação.

É nesse sentido que o trabalho de Caetano também deve ser lido: como o de um homem público, membro da elite, um artista e um amante declarado do Brasil-constatado. O trabalho de Caetano é um lance no jogo da hegemonia cultural. Nas palavras de Stuart Hall, falando do cinema negro britânico emergente, vamos tentar enxergar essa obra “não como um pobre espelho erguido para refletir o que existe, mas sim como essa forma de representação que é capaz de nos constituir como sujeitos e temas de novos tipos, permitindo-nos, por conseguinte, descobrir

lugares *desde* os quais falarmos.”⁴ O choque de ouvir o trecho de Joaquim Nabuco vem da percepção de que estamos diante de alguém do grupo beneficiado pela escravidão que fala da riqueza perdida com a Abolição; fala não cínica mas seriamente da riqueza cultural e espiritual dos escravos em sua relação generosa com seus opressores. Fala pela boca de um artista conhecido pela sua reflexão e resistência à categorização e que, portanto, suscita esperanças de parte de quem se considera “progressista”. O lugar de onde Nabuco fala, pela boca de Caetano, por mais misturada que tenha sido sua herança genética e cultural, é de senhor e não de escravo.

Alguém falar desde o lugar de senhor é um acontecimento cotidiano, ainda hoje, na reafirmação de hierarquias sociais. No entanto, essa postura raramente explicita a infantilização do negro e o esquecimento do sofrimento dos escravos e seus herdeiros, como no texto de Nabuco (e a letra de Caetano). Quando o é, o público mais crítico da questão racial hesita e identifica o “populismo de direita”, pois a infantilização e o esquecimento são convenientes às hierarquias racistas. Mas na maioria dos casos se passa por cima desse tipo de pacificação das relações raciais. “Se passa por cima”: o reflexivo se faz necessário porque estamos falando de valores hegemônicos. Ao repetir a frase de Joaquim Nabuco, destacando seu lirismo, Caetano re-apresenta esse discurso fora de contexto e enfatiza sua conotação de admiração. Ao identificar-se com Nabuco, afirma viver dentro de uma paisagem cuja luz, ou luar, é negra.

São muitas as vozes ouvidas nas *Noites do Norte*. Uma convida a uma viagem piedosa de barco; outra, lírica, é de um descendente de donos de escravos; uma relembra, desde a perspectiva de observador, a celebração do 13 de maio pelos pretos de Santo Amaro em tempos passados; uma outra voz ainda anuncia a justiça futura, com a libertação dos escravos por Zumbi. Também se expressa a vontade feladaputa de ser americano; canta-se o silêncio e o vazio no

⁴ HALL, Stuart. Identidade Cultural e Diáspora. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, No.24, p.68-75, 1996. p.75.

amor; se dissecar a intrincada cabeça do boi do Maranhão. Tem sons percussivos e melódicos, identificados ou não com o afro-brasileiro. Assistimos um Caetano deitado em posição de admiração dos lindos percussionistas afro-baianos, de corpos perfeitos e ritmo coordenado. São lugares *desde* os quais se pode falar o Brasil, herdeiro de sua história de escravidão, de caminhos cruzados, de não ser branco, de tradições populares cheias de sentidos e imagens, de messianismos e de gente, da tradição da canção de amor e de sua extensão às mais diversas figuras femininas. São vozes ouvidas nas *Noites do Norte*. De um lado chamam a atenção pela sua capacidade de articular o bom no ruim, como se o pelourinho tivesse sido, desde sempre, um lugar turístico. Mas sempre, nessa complexa obra, há um outro lado e uma cena no Pelourinho é cantada, em “Haiti”, em tom de desafio de quem observou a violência a salvo, como senhor, e chama os membros de sua casta a constatar o país real.

Observo a sutileza artística e moral da obra de Caetano, ressalto seus dispositivos narrativos e a riqueza de suas referências (não toquei nem na metade delas). Entendo que ele trata de assuntos sociais seríssimos em termos artísticos e que devemos respeitar sua liberdade de projetar, entre outras, uma imagem “narcísica”, uma compreensão gloriosa da história do Brasil. Afinal, quem se farta do unísono da vida? A apreensão dos cruzamentos de vozes e tons produz uma satisfação estética enorme. Tiro, então, uma clássica conclusão do *New Criticism*: como boa leitora, descanso na apreciação reconfortante da genialidade da obra. Mas a satisfação evoca o contrapeso da responsabilidade social. Para ficar mais satisfeita ainda, posso acrescentar a essa conclusão uma opinião: que por trabalhar nos meios de comunicação de massa, Caetano deveria assumir um papel social mais didático, ser até menos obscuro ou iconoclasta. O rigor das ciências sociais, com todos seus propósitos de aprimoramento da sociedade, me dariam apoio, como boa parte da crítica jornalística mais aprofundada.

Fico presa entre um e outro polo, entre o esteticismo da *close reading* e o moralismo da crítica sociológica. Resta-me, como saída, uma imagem tirada do imaginário da noite no hemisfério norte, não do imaginário racial que Caetano resiste. “Que Deus nos livre das coisas que fazem ruídos surdos à noite” (“*God deliver us from things that go bump in the night*”), rezava a liturgia do *Book of Common Prayer* anglicano, de 1559: a referência só pode ser a fantasmas. Como membro do conjunto de pessoas que falam desde o lugar dos senhores, no Brasil, pergunto-me se podemos dispensar o imaginário ligado ao medo da retribuição.